

HELDER SALOMÃO





HELDER IGNACIO SALOMÃO
é capixaba, nascido em Governador
Lindenberg, Noroeste do
Espírito Santo, no ano de 1964,
e morador de Cariacica-ES,
região metropolitana da
Grande Vitória, desde 1975.

Professor de filosofia, membro da
Academia Cariaciquense de Letras
(ACL), foi vereador e prefeito de
Cariacica e deputado estadual.
Atuou como secretário de Estado de
Assistência Social e Direitos Humanos
e presidente da Comissão de Direitos
Humanos e Minorias (CDHM) da
Câmara Federal. Atualmente, exerce
o segundo mandato de deputado
federal pelo PT-ES e é membro
titular do Conselho Nacional de
Direitos Humanos (CNDH).

É autor dos livros Palavras (2014),
Janelas (2017), Plural (2019) e coautor
do livro Desafios das Cidades (2016).

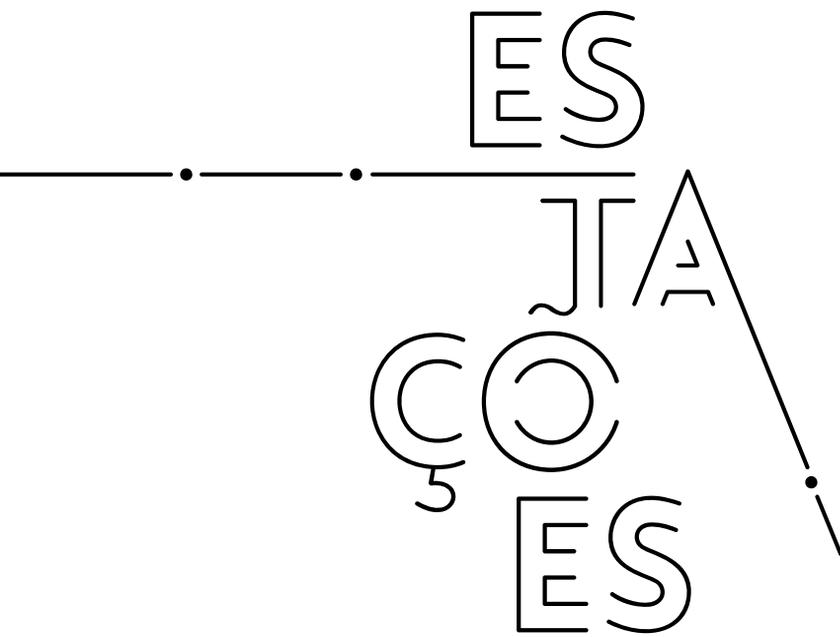
ES

TA

CO

ES

Helder Salomão



Gráfica e Editora GSA

Vitória
2022

Copyright © 2022 Helder Salomão

Autor

Helder Salomão

Revisão

Rosalia Sá de Oliveira

Projeto Gráfico e Diagramação

Paulo Arrivabene

Capa

Paulo Arrivabene

Foto do Autor

Jorge Sagrilo

Impressão

Gráfica e Editora GSA

Gráfica e Editora GSA
Rua Pedro Botti, nº 81
Consolação, Vitória/ES
CEP: 29.045-453
TEL: 27.3232-1266
graficagsa.com.br

Catálogo na fonte

Bibliotecária: Angela Maria Battestin – CRB-6/MG nº 539-ES

S173e

Salomão, Helder

Estações / Helder Salomão. __ Vitória : Gráfica e Editora
GSA, 2022.

100 p. : 15 x 23 cm.

ISBN 978-65-86231-17-5

1. Poesia brasileira. 2. Poesia — Espírito Santo (Estado). I.
Salomão, Helder.

CDU 821.134.3 (81)-1
CDD B869.152

DEDICATORIA

Dedico este livro ao meu bisnono Salamon Andrea, nascido na Comune di Colle Umberto, Província di Treviso, região Norte da Itália, em 04 de julho de 1879. Ele chegou ao Brasil em 17 de janeiro de 1880, com apenas 6 meses e 13 dias de vida, acompanhado dos pais Salamon Pietro, 28 e Bet Catterina, 22, dos nonos Salamon Andrea, 62 e Elisabetta Felet, 52 e dos tios Salamon Catterina, 21 e Salamon Giacomo, 11 anos. Aqui, Andrea casou-se com Amália Altoé, filha de Antonio Altoé e Maria Luigia Franceschetto. Andrea e Amália tiveram sete filhos: Antônio, Luiz, Pedro, João, Maria, Tereza e Augusta. A eles e a elas, dedico este livro.

Aos meus nonos paternos João Salomão e Clementina Breda, aos bisnonos maternos Marino Burrini e Sylvia Pasti, José Marianni e Santina Ferretti e aos nonos maternos Paulo Borini e Amélia Marianni, também dedico o Estações.



Eles percorreram caminhos difíceis para que pudéssemos chegar até aqui. Os ascendentes italianos partiram em busca de novas estações, deixaram tudo e vieram para o Brasil onde construíram suas famílias e suas histórias em meio à pobreza, angústias, lutas e sofrimento. Os parentes brasileiros, também enfrentaram inúmeras dificuldades, aqui no Espírito Santo, (inicialmente no município de Castelo, depois, no município de Colatina), mas foram perseverantes para romper todos os obstáculos naqueles tempos de incertezas e de severas dificuldades.

Foi a decisão corajosa das minhas nonas e nonos italianos que tornou possível a minha existência. Eles deixaram a terra natal que estava mergulhada numa profunda crise econômica, política e social, no final do século XIX, em 1871, quando aconteceu a unificação do país, para tentar dias melhores no Brasil. Provavelmente foram forçados a vender suas terras para ricos proprietários italianos que eram beneficiados pelas políticas implantadas pelo Reino da Itália.

Por isso, dedico este livro àqueles e àquelas que, antes de mim, foram tomados por uma coragem absurda ao deixar familiares e amigos, cultura, costumes, e sua pátria em busca de uma nova terra. O tempo não me permitiu conhecer nenhum dos meus antepassados italianos, mas conheço histórias tristes, alegres e inspiradoras sobre eles. Com meus parentes brasileiros, que tive oportunidade de conviver, aprendi lições que guardarei para sempre.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me permitido viver tantas estações.

À Sofia, Pedro e Vera, que estão comigo nesta viagem
vivendo, amando e aprendendo.

À Rosalia Sá de Oliveira, pela revisão cuidadosa e parceria profissional
na educação pública em tempos de muito aprendizado.

À Angela Maria Battestin, pela generosidade e amizade
desde a juventude e elaboração da ficha catalográfica.

A Gilson Soares, poeta e amigo que me
presenteou com o prefácio.

A Paulo Arrivabene, por traduzir minhas estações
e tornar minhas poesias mais leves.

*“Mudaram as estações, nada mudou.
Mas eu sei que alguma coisa aconteceu.
Tá tudo assim, tão diferente...”*

RENATO RUSSO

PREFÁCIO

Conheço Helder Salomão a ponto de poder afirmar que ele não quer confrontar Platão. Longe dele, tal propósito.

Helder é comedido, compreensivo e fraterno. Diria até que ele tem a humildade dos que transitam (descalços) pelas estradas de Assis.

Desde que o conheci (lá pela década de 80 do já distante Século XX), aquele jovem (e inquieto) professor apresentava fortes indícios de que iria (como acabou indo) se enveredar pelo caminho singelo dos que compartilham graciosamente o pensamento, dos que abraçam sorridentes o mutirão do bem comum, dos que se esforçam para resguardar os rios (e multiplicar os peixes), dos que sonham dialogar com a Terra (e partilhar o pão).

Aquele jovem (e promitente) professor de filosofia em escolas do município de Cariacica (que conheci então) já demonstrava uma surpreendente (e rara) generosidade auditiva, essa mesma bondosa atenção que ele dispensa até hoje (por hábito de gentileza) a todo e qualquer interlocutor que se lhe apresente.



Durante esses tantos anos (entra século, sai século) em que nos entrevimos sob a regular (e graciosa) contribuição do acaso, encontrei sempre o mesmo Helder. Fosse ele vereador ou prefeito (eleito e reeleito) de Cariacica, fosse deputado estadual, secretário de Estado, ou fosse (como agora, neste momento grave da política brasileira) um hábil, firme (e valoroso) representante do brio capixaba na trincheira de resistência ao fascismo no Congresso Nacional.

É com o professor de filosofia (com clara vocação cristã) e com o militante da Política exercida sob a ideologia de ouvir (e servir), que dividi essa longeva convivência casual, que ostento com amistosa alegria.

Do poeta eu só fiquei sabendo mesmo, quando Helder me estendeu o honroso convite para, a quatro mãos (a quatro olhos) com Gilcélia Lima Gonçalves, revisar o seu primeiro livro de poesia, *Palavras* (2014). Depois, sempre com títulos sucintos, vieram os outros livros, *Janelas* (2017), *Plural* (2019) e (agora) *Estações*, num percurso literário que pude acompanhar, pari passu com sua consistente (e ininterrupta) performance política.

E é aí que Platão tropeça.

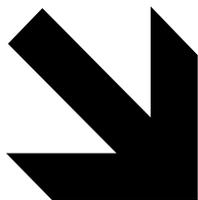
Ainda que não tenha sido ele, Platão, o pensador que estabeleceu a “antiga discórdia entre a Filosofia e a Poesia”, como asseveram diversos estudiosos da história do pensamento ocidental, coube a ele prescrever (nos *Diálogos do Livro X*) a exclusão dos poetas das hostes da República “no tocante ao governo e direção dos assuntos humanos”.

Sem a intenção de rebater o criador das formas dialéticas da Filosofia, o poeta (e cancionista) Helder Salomão vem se utilizando “da lei e da razão, que em cada caso aponta o que melhor convém a todos” (A República, Diálogos III) para a sua destacada atuação nas instâncias legislativas e administrativas tanto de Cariacica (seu “caso de amor”), quanto do Espírito Santo e do Brasil.

Ao longo dessa estrada que partiu do longínquo Século XX para romper os horizontes (desafiantes) do Século XXI e que se estende de Cariacica a Brasília, passando por variantes vicinais que cobrem toda a (instável) topografia social, política e geográfica do Espírito Santo, vamos encontrar sempre (o mesmo) Helder com a sua (generosa) atenção, com o seu decidido pendão ao labor coletivo, com o seu ar (sorridente) de amizade e portando nas mãos, no violão e no olhar os seus inspirados poemas (diria...) franciscanos.

GILSON SOARES

Guaçuí, (quase natal) de 2021



Sumário

18	•	Novos caminhos
PARTIDAS		
25	•	Ano inteiro
27	•	Viagens
28	•	Decifra-me
30	•	Meu canto
31	•	Vento
33	•	Vazio
35	•	Cais
37	•	Contornos
38	•	Olhar perdido
39	•	Tempo presente
40	•	Quarentena
42	•	Arguição
44	•	Avesso
46	•	Mosca azul
47	•	Dísparos
48	•	Vírgula

CHEGADAS •

53 • Síntese

54 • Importa

55 • Pandemia

57 • Lugares

59 • Estações

60 • Fotografia

61 • Porto

62 • Árido

64 • Em todo lugar

65 • Efêmero

66 • Corda bamba

67 • Sentimento

68 • A vida não tem fim

69 • Crepúsculo

70 • Viver

71 • Depois

72 • Civilização ou barbárie

ENCONTROS ●

77 ● Tempo de colheita

78 ● Temperatura

79 ● Para sempre

80 ● Teu olhar

81 ● Intervalo

83 ● Estação saudade

84 ● Vamos!

85 ● Fim e começo

86 ● Em marcha

87 ● Vida e esperança

88 ● Prontidão

90 ● Ave misteriosa

92 ● Falta de um abraço

94 ● Cores

95 ● Quando tudo isso passar

96 ● Adeus

N

Novos caminhos

Quando a pandemia chegou ao Brasil, em março de 2020, eu começava a escrever o *Estações*, que já era pensado há algum tempo e tinha poucas linhas rabiscadas. Era, ainda, um projeto para se tornar o quarto livro de poesias e fechar um tempo de quatro décadas.

Contudo, as transformações no cenário mundial, trazidas pela Covid-19, mudaram a ideia inicial de ser um livro sobre as lembranças da minha infância. Com a chegada inesperada do isolamento social, primeiro vivi uma certa paralisia. Passei algum tempo sem conseguir escrever uma linha sequer. Talvez porque aquela experiência trouxera inseguranças, angústias, medos e incertezas.

Foi, então, que me reencontrei com o violão, um amigo de quem há muito tempo estava distante. E hoje vejo que essa foi a senha para eu redescobrir a inspiração que andava sufocada pela quarentena e retomar a serenidade em meio ao vendaval. Neste período, compus seis canções, inclusive três delas compõem esta obra, e retomei a escrita dos poemas.

Este livro não é o que eu pensei no início. Ele se moldou ao seu tempo e foi sendo desenhado com os contornos das dores e das alegrias dessa estação difícil da humanidade.

A poesia é assim: se mistura com a realidade e emerge dela. Não é só expressão da alma e do coração que se isolam, mas de seres humanos que estão inseridos na realidade concreta. Portanto, o *Estações* apresenta traços da minha história e da experiência vivida, especialmente, nesses últimos dois anos, que me fizeram rever conceitos, seguir novos caminhos e escrever poesias que só compõem este livro por causa da existência do coronavírus.

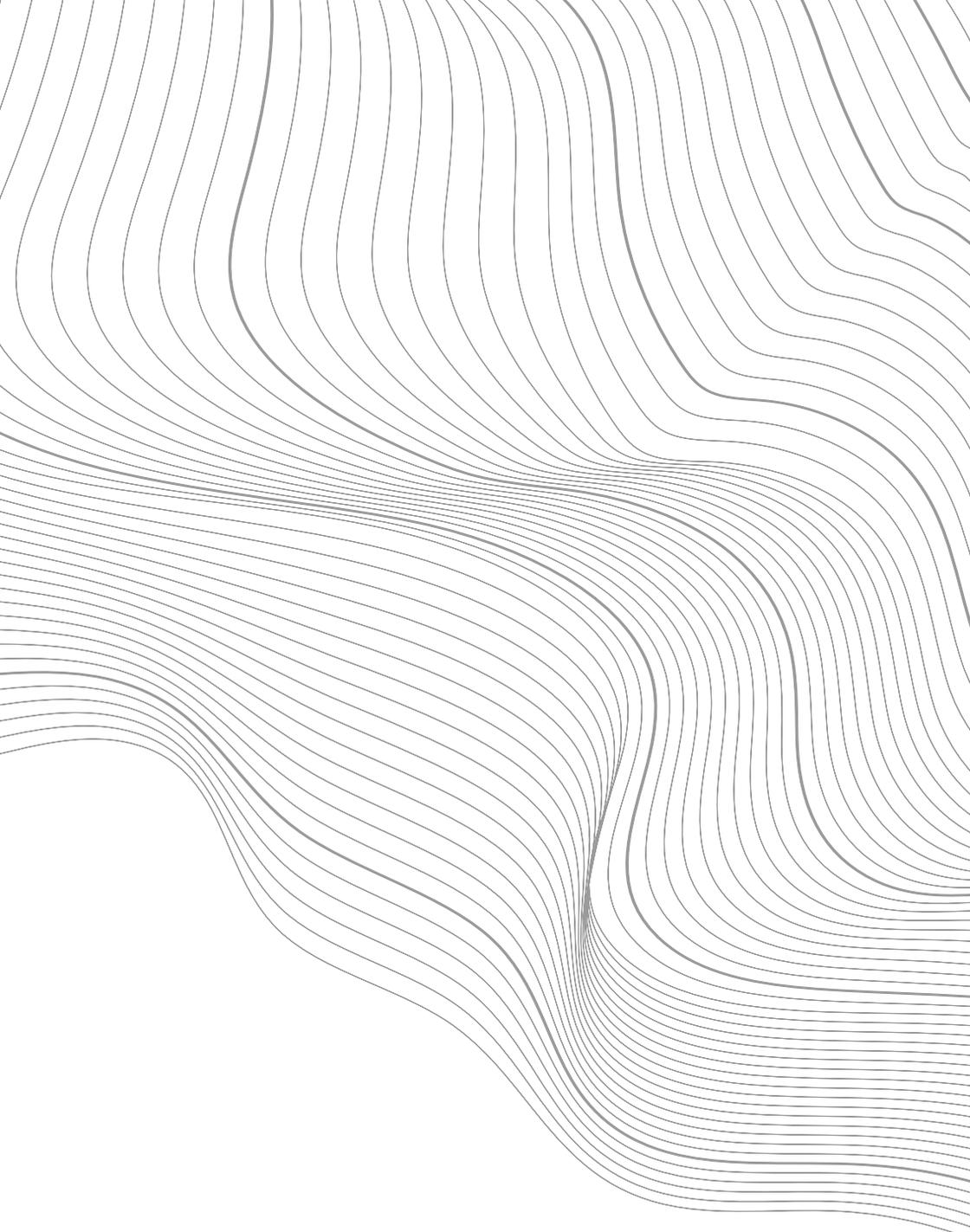
Minha solidariedade às famílias das milhões de pessoas que morreram durante a pandemia, em todo o mundo e no Brasil, em consequência do negacionismo da ciência, da oposição à vacina e às recomendações das autoridades sanitárias. E meu abraço afetuoso àqueles/as que, ainda, carregam na alma as marcas deixadas por este tempo recente de tantas restrições e dores.

Espero que você que está tendo a oportunidade de ler o *Estações* encontre, em algum verso desses poemas, razões para seguir em frente com fé e esperança.

Escolhi trechos da canção antológica
de Fernando Brant e Milton Nascimento:

ENCONTROS E DESPEDIDAS

para abrir as três partes deste livro,
afinal as estações são lugares
de partidas e chegadas,
de encontros e despedidas...



*“COISA QUE EU GOSTO É PODER PARTIR SEM TER PLANOS,
MELHOR AINDA É PODER VOLTAR QUANDO QUERO...”*

The background features a series of thin, grey, wavy lines that create a sense of movement and depth. These lines are layered, with some appearing more prominent than others, and they flow across the page from top to bottom. The overall effect is a modern, minimalist aesthetic.

PARTIDAS

A Ano inteiro

Em janeiro tudo começa
e a nova temporada
logo se apressa.

Em fevereiro tudo clareia
e a vida ganha ritmo
para a nova peleia.

Março de noites quentes,
dias ensolarados
e corações ardentes.

Cai o velho, nasce o novo,
é abril que traz consigo:
profecia e cheiro de povo.

Maio é prova de amor
que envolve o abraço
e o materno calor.

Tempo de festividades,
o mês de junho chega
com o frio e saudades.

Meio caminho andado
quando julho desponta
profano e sagrado.

A gosto do freguês,
vou servir a quem precisa
até chegar a minha vez.

Vem a estação das flores,
quando chegar setembro
trazendo novos amores.

Já bem longe do começo,
bem mais perto do final,
em outubro sou avesso.

Caminho para a chegada.
Em novembro, reflexão
sobre o fim da jornada.

Dezembro é bom à beça,
traz o calor da nova estação:
finda um ciclo, outro começa.

V Viagens

Vou por aí...
e tenho dito:
– não sei se volto,
não sei se fico.

É bem provável que eu volte.
E se eu voltar,
não volto eu,
pois em cada viagem que faço,
sou menos o que eu era
e mais o que me tornei.

Na partida,
eu era um,
e o meu lugar também...
No regresso,
sou uma pessoa diferente.
Quem vai nunca volta igual
nem encontra o mesmo lugar.

Vou por aí...
passeando nas nuvens,
cheirando a terra,
abraçando o sol,
beijando o mar,
nas partidas e chegadas,
encontros e despedidas.

Mudo eu, muda o lugar...

D Decifra-me

Você me vê de muitos lados,
mas não me conhece inteiro.
Sou um pouco do que você fala,
outro tanto do que você imagina...
Sou também o que aparento,
mais aquilo que você ignora.
Minha essência é bem maior
do que os seus olhos alcançam,
mas nada é tão diferente,
tudo tem certa semelhança...

Eu deixo marcas por onde passo
e aprendo todos os dias
com as novidades do caminho.
Se você quer me conhecer,
desperta minha alegria,
conquista minha confiança,
acredite e defenda a vida,
professe a fé e a esperança,
respeite a diversidade,
tenha senso de justiça,
ame as pessoas sem medida.

Já mostrei bem o que sou,
mas quem pode dizer tudo
sobre a minha identidade?
Meus passos são conhecidos,
meus segredos, uma flor...

Também quero saber mais
sobre o fundo da minha alma,
pois sei que não conheço
toda riqueza do meu ser.
Eu sempre tenho cuidado
pra deixar tudo às claras,
mas sei que é difícil desvendar
os nós do fundo do peito.

Vida passa, eu sigo em frente
sem conseguir responder
os mistérios mais profundos:
quem eu sou?
Como você me vê?



M Meu canto

Insisto em cantar,
apesar de tudo, apesar
das noites de insônia,
dos dias tristes,
apesar da agonia
e da ferida que abristes

no coração apaixonado,
por dentro despedaçado,
por fora feliz,
se é que me diz
o que devo fazer
para a vida não entristecer.

Insisto em cantar,
apesar do choro, apesar
do tempo perdido,
nas estações matinais,
apesar de ter vivido
menos, queria ter vivido mais

em comunhão com amigos,
nos colos e nos abrigos
que abrandam a alma,
e viver com toda calma,
para a felicidade raiar,
por isso, insisto em cantar.

V Vento

Os dias passavam devagar
à espera da sua presença
para a minha vida alegrar.

Sua viagem era silenciosa,
cheia de luz e de dúvidas,
barulhenta e misteriosa.

E o dia passava ligeiro,
mas você nunca chegava,
a saudade vinha primeiro.

Os dias corriam lento,
as noites se prolongavam,
e o coração ficava sedento.

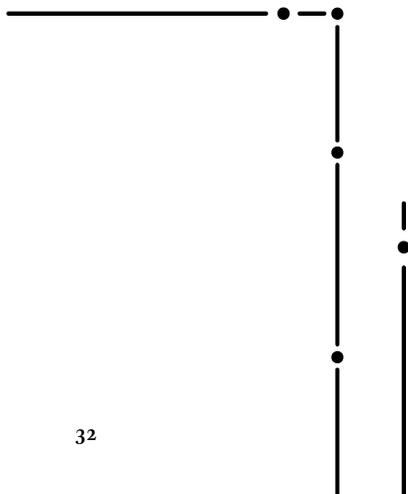
Era um tempo de espera,
dias de muita angústia
e eu sem saber o que era.

Nenhuma dúvida eu tinha
nem outra preocupação,
só sabia que você vinha.

E quem olhava apressado
não conseguia enxergar,
nem à frente nem ao lado.

E tudo era muito claro,
sem nada a esconder
daquele encontro raro.

Vento vai! Vento vem!
Traz logo a felicidade
e me leva junto também.



V Vazio

Sinto uma ausência
que invade a alma
e me leva ao nada
existencial.

Contemplo o tempo
que passa ligeiro
e deixa a saudade
e o vendaval.

Traz de volta o sentido
da vida nos versos
que eu recitei
no sarau.

Tira logo de mim
essa angústia
que aperta o peito
e baixa o astral.

Afasta de mim
esse cálice maldito,
o fardo pesado,
esse castiçal.

Se não posso falar,
eu silencio a alma

e vivo bem devagar
o inferno astral.

Quero de volta
a vida plena,
mesmo se não quiseres,
não preciso de aval.

Te busco todo dia,
oh, felicidade!
Venha agora,
por bem ou por mal!

Cais

Ancorado no cais esquecido,
meu coração ferido,
chorou.

O meu corpo estacionado,
no barco abandonado
ficou.

E seguia o trabalho todo dia,
com mais ou menos valia,
cansado.

As horas passavam lentamente,
eu no ofício de conferente
contratado.

O navio no porto atracado,
cargas de todo lado,
movimentação.

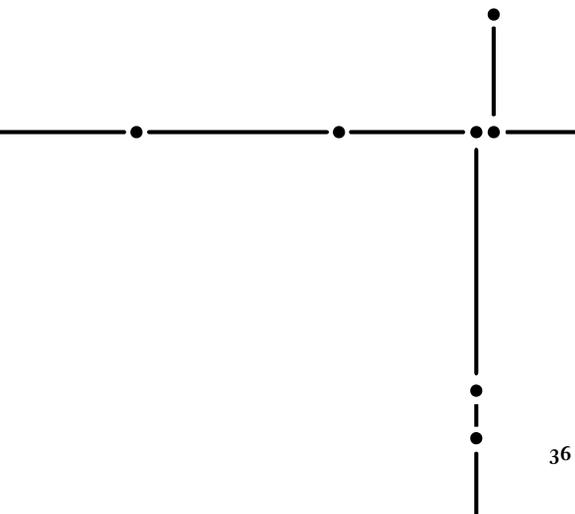
Gente de cá, do estrangeiro,
negócios e muito dinheiro,
exportação.

Ofício também na madrugada,
coisa pública e privada,
desenvolvimento.

Eu vivia aquela dura jornada,
e era da juventude organizada,
engajamento.

Dias que marcaram minha história,
nos portos de Capuaba e Vitória,
aprendizado.

O cais do porto está na memória,
influenciou minha trajetória.
Obrigado!



C Contornos

Vê-se ao longe seus passos
rompendo a escuridão,
e seus desejos noutros espaços.

Os contornos nítidos da visão,
enxergavam na noite seus traços,
e as vagas lembranças do não.

Descobertas a todo momento,
brotavam da imaginação
e revelavam o encantamento,

que suplantava a dor e a solidão
e derrubava todo argumento
pra que a vida não fosse em vão.

As cenas estavam desenhadas,
sem nenhuma sofisticação
em suas intenções legendadas

nos versos fortes da canção,
nas linhas ocultas registradas
e nas entranhas do coração.

Olhar perdido

O meu olhar perdido na noite
entre as luzes da cidade
iluminada,

observava os carros apressados
nas faixas largas da avenida
movimentada.

Enquanto a ventania deixava
a mente inquieta, o coração aflito,
era madrugada.

O meu olhar perdido na noite,
buscava uma resposta
apressada.

E amanheceu o novo dia,
e eu com a mesma sensação
da noite passada.

T Tempo presente

Não devemos ignorar o passado
nem antecipar o futuro.
Esquecer o que passou,
nos leva a praticar os mesmos erros.
Dar como certo o que poderá vir,
paralisa as nossas ações por mudanças.
A vida acontece aqui,
irremediavelmente, agora,
exatamente neste espaço de tempo.

Somos mais felizes
quando conjugamos o verbo no presente,
com uma piscadela no passado
e um olhar confiante no futuro.

Q Quarentena

Posso ficar preso,
mas os versos fogem de mim,
se aglomeram sem culpa,
em meio à pandemia,
e fazem da dor, poesia.

Enquanto fico isolado,
as ideias se entrelaçam,
se misturam na multidão,
em solidariedade
de beleza e de bondade.

E a gente muda hábitos,
pra salvar almas em risco,
num cenário sombrio,
à espera de uma flor
que suplante toda dor.

Tudo é muito difícil,
surpreendente e inesperado,
as desigualdades ficam nuas,
e novos roteiros de vida
surgem na aldeia perdida.

Os versos cheios de amor,
anunciam dias melhores.
E a esperança fala mais alto
nos corações ardentes
e nas terras de todas as gentes.

E assim, a poesia rasga o véu
da hipocrisia e da ignorância,
em plena crise sanitária:
tudo isso vai passar
e a gente vai se abraçar,

como há muito esperamos,
sem pudor e inteiros,
mais intensos do que antes,
com sorrisos e emoção,
numa grande celebração.

A Arguição

E se eu disser que vou ficar,
mesmo depois de partir?

E se eu quiser cantar,
mesmo depois de dormir?

E se depois de morto,
eu insistir em viver?

E se sem seu amor
eu sobreviver?

E se eu mergulhar no rio
e não voltar?

E se a amizade for embora
e a saudade ficar?

E se no fim da história
eu voltar no início?

E se eu te disser,
que doce é o meu vício?

E se eu me deixar levar
pelo coração?

E se a vida inteira
for doce ilusão?



E se a aventura
for em mar aberto?
E se o mundo for abaixo
para o que se diz esperto?

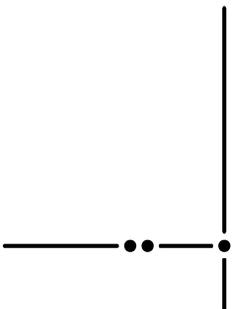
E se eu romper o silêncio
com um grito?
E se você duvidar
do que aqui está escrito?

E se o que eu falar
estiver errado?
E se o saber coletivo
for o compartilhado?

E se você dormir tarde
e acordar cedo?
E se a esperança
vencer o medo?

E se no planeta,
prevalecer a verdade?
E se o sonho
virar realidade?

E se eu cair
no sono profundo?
E se eu acordar
em outro mundo?



A **Avesso**

Me remexi por dentro
quando a vida pediu.
Tive medos matinais,
vespertinos temporais,
e coragens noturnas
para ver o outro lado
do que eu sou.

Me reinventei inteiro
nos dias seguintes.
Ajustei as velas tortas,
arrombei muitas portas
e segurei firme no leme
até ver as margens
do tempo que passou.

Revivi lembranças
que já eram esquecidas.
Descobri na diversidade,
belas oportunidades
trazidas pelo vento leve
que chegou brando
e no coração ressoou.

Desfiz muitas certezas
e mudei sínteses velhas.
Conheci outras verdades,
me despi de vaidades
que me deixavam cego.
Um novo tempo
de ousadia despontou.

A fé trouxe mudanças,
a vida ganhou equilíbrio.
Tomei conta do destino,
sem nenhum desatino.
Vi o futuro mais belo
se espalhar nas ruas
e eu sem saber aonde vou.

M Mosca azul

O inseto majestoso,
de cor azul, elegante,
pousa sobre as cabeças
e escolhe as presas fáceis.

Onde ele encontra abrigo,
injeta doses de veneno,
que penetram a alma
dos filhos da ambição.

Ele age sob fracos,
que querem ser fortes;
para isso, traem princípios
na busca pelo poder.

O tal bicho é implacável
com as pessoas cobiçosas,
que revelam suas essências
quando estão no pedestal.

A picada do braquícero
não muda o caráter,
apenas revela a essência
dos gananciosos.

Só não se deixa picar
pela atraente mosca azul,
a pessoa que compreendeu
o poder como serviço.

D Díspares

Para Sérgio Blank

Meus dias são ímpares,
minhas horas, pares,
meus melhores sonhos
passeiam nos mares.

Meus dias são ímpares,
minhas horas, pares,
meus pensamentos
voam soltos nos ares.

Meus olhos são janelas,
minhas mãos, mudança,
meus pés navegam
nos passos da dança.

Meus olhos são janelas,
minhas mãos, mudança,
meus sentidos ouvem
a canção de esperança.

Meus dias, minhas horas.
Meus olhos, minhas mãos...
Não fique triste, por que choras?
Vamos lutar por tempos bons!

V Vírgula

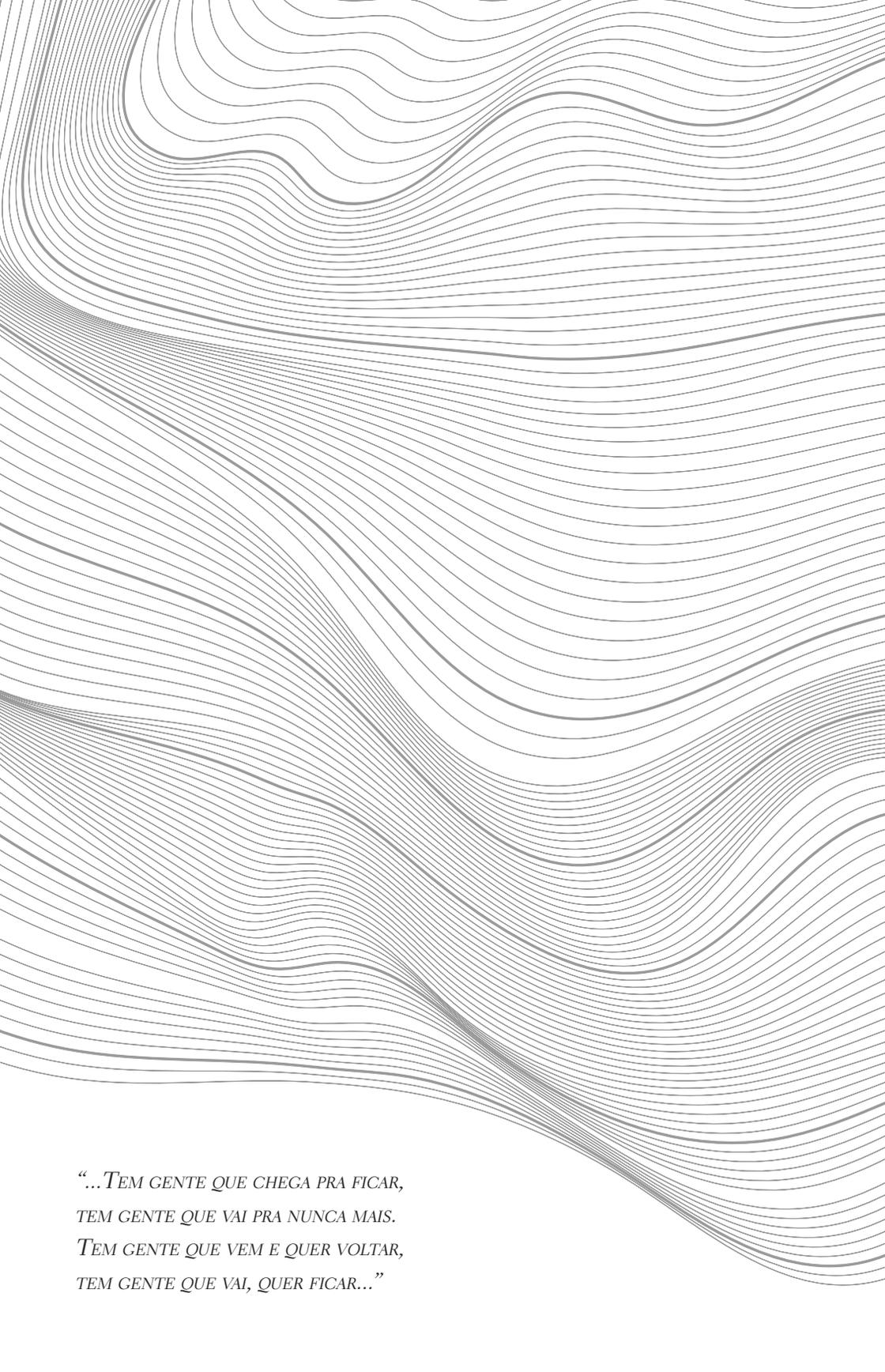
Quando escrevo
não explico tudo o que quero.
Não tenho a pretensão
de colocar um ponto final
em todas as frases,
sempre haverá uma vírgula
desconcertante.

Longe de mim,
querer lançar ideias prontas.
Escrevo por prazer e dor,
por necessidade existencial,
busco o pensamento livre,
para falar das angústias,
e lançar minhas esperanças.

Sou movido pelo medo
que me paralisa inteiro
e pela coragem
que me lança à frente.

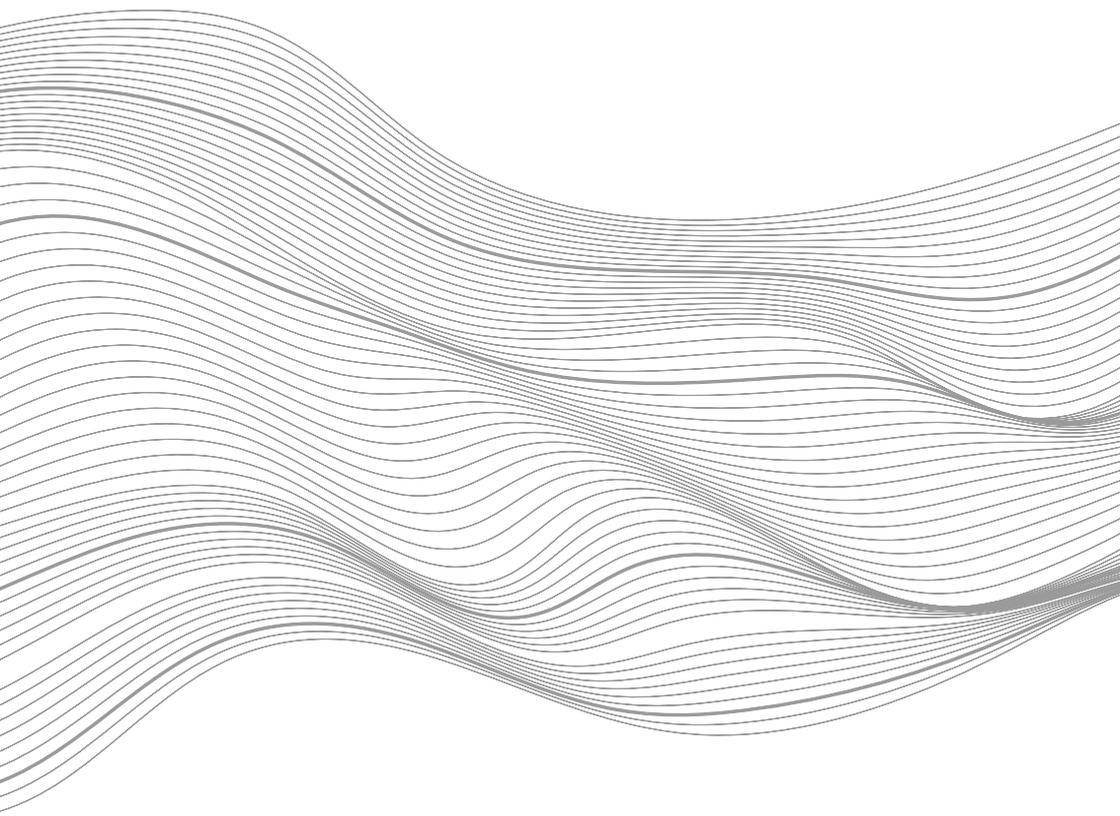
Quando escrevo
quero provocar reflexão,
dúvidas, espanto
e novas perguntas.

Se a minha poesia
levar a angústias,
inquietações,
e fazer as pessoas
insistirem no amor,
já terei feito mais
do que eu podia imaginar.



*“...TEM GENTE QUE CHEGA PRA FICAR,
TEM GENTE QUE VAI PRA NUNCA MAIS.
TEM GENTE QUE VEM E QUER VOLTAR,
TEM GENTE QUE VAI, QUER FICAR...”*

CHEGADAS



S Síntese

As palavras entraram pelas janelas,
o mundo singular se fez plural
e a linha no horizonte desenhou
o quadro das novas estações.

Assim fechou um ciclo da vida,
mas um novo céu vai surgir
para tecer outras palavras,
abrir janelas curiosas
no movimento plural
das próximas estações.

E foi assim
que o outono chegou
e as folhas caíram.
O inverno despontou
com o seu frio rigoroso
e as flores desabrocharam
na primavera deslumbrante.

Então o calor explodiu
no verão caudaloso
e a vida seguiu seu ritmo
nas curvas largas,
nas noites curtas,
nas asas da esperança...

I Importa

Não importa como você me define,
se você não me entende, não importa.

Não importa se não sou compreendido,
se o que digo te desagrada, não importa.

Importa pra mim tudo o que eu sei,
aquilo que aprendo todo dia, importa.

Importa muito mais aquilo que eu sou,
e tudo o que ainda posso ser, importa.

Importa o respeito que eu quero,
importa o respeito que eu dou.

Importa aprendermos juntos,
importa amar a vida com gestos.

Importa que a gente nunca desista,
não importa se não deu certo.

Importa que a esperança nos guie,
não importa se ainda há muito caminho.

Importa seguirmos juntos,
de braços dados, isso importa.

P Pandemia

Houve um tempo
de mudanças inesperadas,
mentes reviradas,
corações partidos
e saudades sufocadas.

Houve um tempo
de grave pandemia,
morte e agonia,
perdas irreparáveis,
e ameaças à democracia.

Houve um tempo
de isolamento forçado,
choro sufocado,
emoções absurdas
e amor conectado.

Houve um tempo
de gesto forte,
pra afastar sinais de morte,
salvar vidas frágeis,
entregues à própria sorte.

Houve um tempo
de espalhar solidariedade
pra livrar a humanidade,
do perigo invisível
e de toda perversidade.

Houve um tempo
de cinismos sanitários,
acúmulos monetários,
e negação das vacinas
por líderes autoritários.

Houve um tempo
de grande mudança,
dor e esperança,
realidades difíceis,
de retomar a confiança.



L Lugares

Diante do mar
me inspiro,
respiro,
faço retiro,
viro,
reviro,
piro,
ouço um tiro,
dou um giro
para ver o sol.

Da janela,
a vida é bela,
numa tela
de aquarela.
E na favela,
a dor da cela,
a cor amarela,
histórias de Isabelas
e as mazelas
perto do mar.

Na cidade,
estilos de vida,
área dividida,
beco sem saída,
alma distraída,
família reunida,

chegada e partida,
gente perdida,
abraço da Dida
acalma o coração.

E na minha rua
sinto alegria,
espanto a agonia
na calmaria
faço poesia,
alimento a magia...
com Pedro, Vera e Sofia
aprendo todo dia
o que eu ainda não sabia,
para ser uma pessoa melhor.

E Estações

Nas estradas onde andei,
nos dias em que parti,
nos sonhos que sonhei,
e nos amores que vivi.

Ficou um pouco de mim,
um tanto veio comigo,
deixei saudades, enfim,
trouxe o abraço amigo.

Entre o deixar e o trazer,
imagens e recordações,
as lembranças do fazer
nas trilhas das emoções.

A separação na partida,
o sorriso na chegada,
trajetos da minha vida,
uma história contada.

F Fotografia

Registrei a imagem à minha frente,
uma bela composição de cores,
elementos que se entrelaçavam
num mosaico desenhado à mão.

Em apenas um clique, a obra prima
estava pronta para encantar pessoas.
Capturei o que estava aparente,
e flagrei as veias abertas do coração.

P Porto

Para a cidade de Porto, Portugal

A minha alma viaja no vento,
nas asas da história viva
e dos traços da modernidade
que se harmonizam com a obra real.

Percorro as trilhas do mundo
encantado enfeitado de flores.
Marcas de um tempo distante
cravadas na memória da gente.

Sinais fortes de múltiplas culturas,
desenhos fartos da beleza da arte
que expressam a fé da humanidade
e os encantos da terra do fado.

Sinto o coração pulsar forte
e a alma pular de alegria:
uma emoção que não se explica,
vívida num lindo Porto sem igual.

A Árido

O seu rosto reflete
as dores do mundo
e as rugas do tempo.

O seu passo lento
percorre a estrada
e as trilhas difíceis.

O seu abraço cala
a boca apressada
e cheia de saudade.

A sua voz proclama
todo o tempo
a realidade nua e crua.

Nada parece ser bom,
nem mesmo o sol
que arde ao meio-dia.

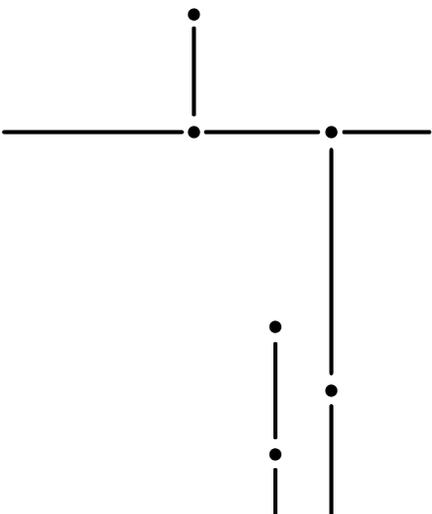
Até nas noites frias
o calor abraça
o profundo da alma.



Nada faz sentido
e ao mesmo tempo
tudo é significação.

O seu olhar espanta
o medo que impede
suas mãos trêmulas.

É tudo muito árido,
e é o seu coração,
a senha da mudança.



E Em todo lugar

No silêncio do quarto,
no escuro da noite,
na solidão.

No dia agitado,
no correr das horas,
na multidão.

Nas curvas secretas,
na estrada sinuosa
do coração.

Nos versos secretos,
nos labirintos estreitos
da emoção.

Nas palavras vivas,
nos versos ousados
da inspiração.

Nos traços da realidade,
presentes na alma
e no chão.

A poesia passeia
cheia de graça,
nas asas velozes
da imaginação.

E Efêmero

Para Sofia e Pedro

Quando eu era mais jovem,
os dias demoravam
como se fossem anos.

Agora que o tempo andou,
e eu estou mais maduro,
os anos passam tão rápido
que parecem dias.

C Corda bamba

Ando na corda bamba
desde sempre
sem conseguir manter
o sonhado equilíbrio.

Na corda bamba
sempre estou.
Na corda bamba
sempre estamos.
Nunca chegaremos
plenamente
em terra firme,
pois a busca
da maturidade
e da serenidade
geralmente
é precária,
nunca se conclui.

A busca
do porto seguro
será sempre uma meta.
Mesmo que nunca
cheguemos lá,
ela estará sempre
no horizonte,
prostrada à nossa frente.

S Sentimento

Quando o tempo muda
e o vento se assanha...

Sinto um frio
que arrepia a alma
e um calor
que me tira a calma.

A A vida não tem fim

A vida é como as ondas do mar:
um movimento sem fim...

um vai e vem a todo instante,
mais longe e mais perto de mim...

uma viagem inevitável,
um caminho que leva e traz
amores e saudades,
esperanças e sonhos, enfim...

a vida começa e termina,
recomeça e não tem fim.

É como um minuto de espera...,
uma longa quimera?!
Vem, vida! Traz a alegria
e leva toda tristeza
pra bem longe de mim.

C Crepúsculo

No instante em que a noite chegava,
um clarão gradiente se abriu no céu,
e o espetáculo da natureza na direção oeste,
se alinhava na atmosfera longínqua,
iluminando a terra com silhueta multicolorida.

A imagem dominada por um substantivo masculino,
conjugada com a força feminina do pôr do sol,
realçava o lusco-fusco e sua luminosidade fascinante,
então a terra inteira parou por um instante.

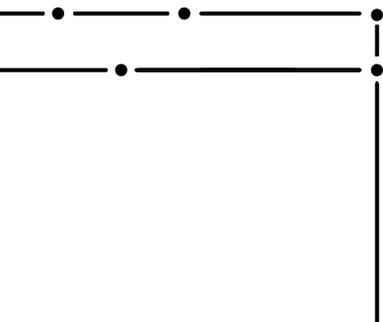
O azul do dia e a escuridão da noite
se misturavam na linha do horizonte.
E os raios ocultos da luz poente,
presenteavam os olhares atentos,
enquanto as estrelas do oriente
esperavam sedentas e luminosas
pela chegada da lua crescente.

E o clarão sem igual
num instante se foi,
mas deixou a acalento,
a esperança viva,
de dias melhores,
em tempos de dor.

V Viver

Gosto tanto da vida,
que quando me perguntam
quanto tempo eu quero viver,
respondo:

– 134 anos!



D Depois

O que vai ficar no final
da caminhada,
do trabalho,
do encontro,
do abraço,
do beijo,
da festa,
da luta,
da conquista,
da partida,
da chegada,
do riso,
do choro,
do jogo,
da poesia,
da vida...,
senão a inevitável
sensação do depois...?

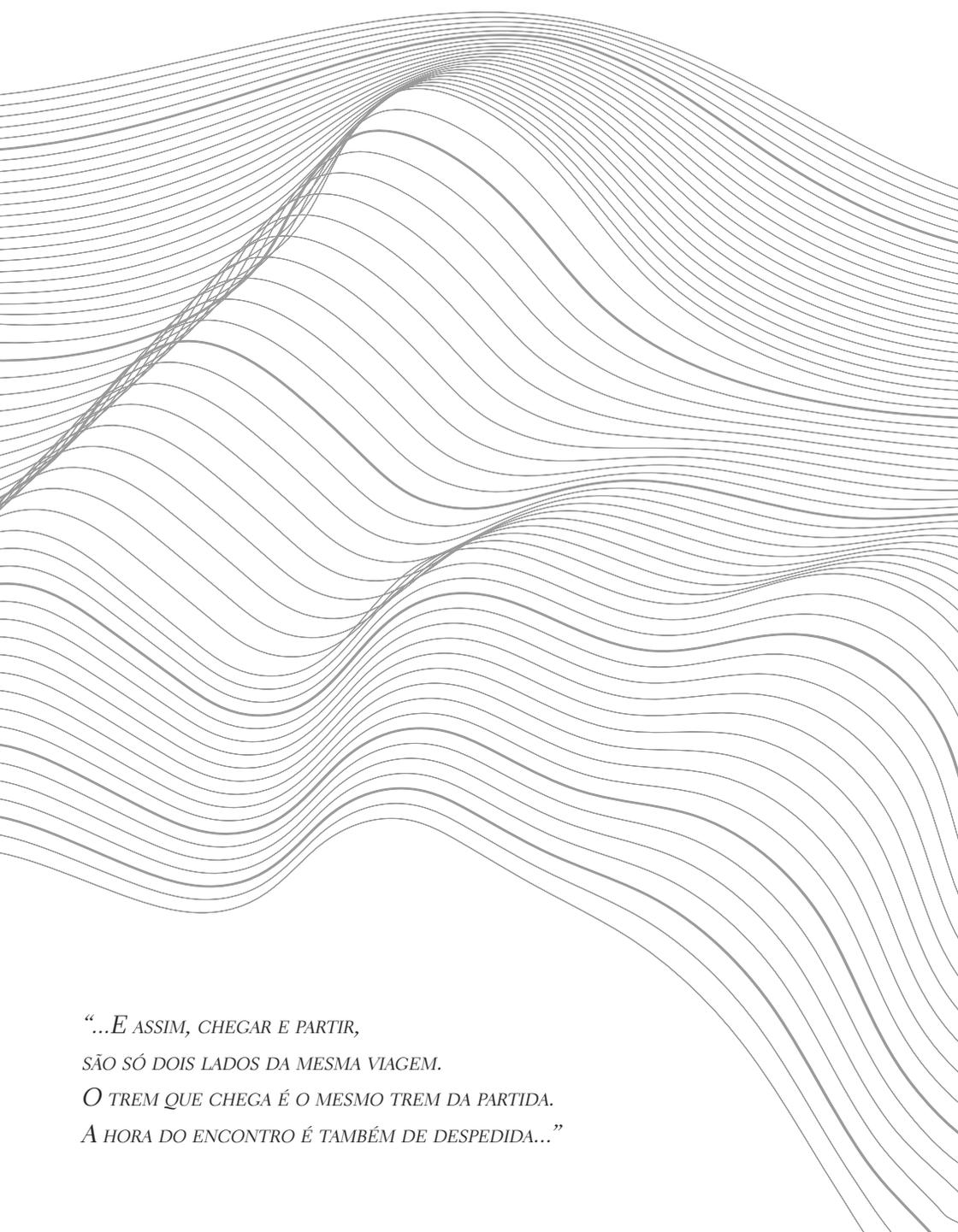
C Civilização ou barbárie

A ciência é conquista da humanidade,
quem nega sua eficácia é uma ameaça.
Todo negacionista produz a maldade,
por mais que tente esconder sua trapaça.

Essa gente nega a ciência e a educação,
difunde ideias falsas para enganar
os ingênuos e a democracia fraldar.
Ignoram as conquistas da civilização.

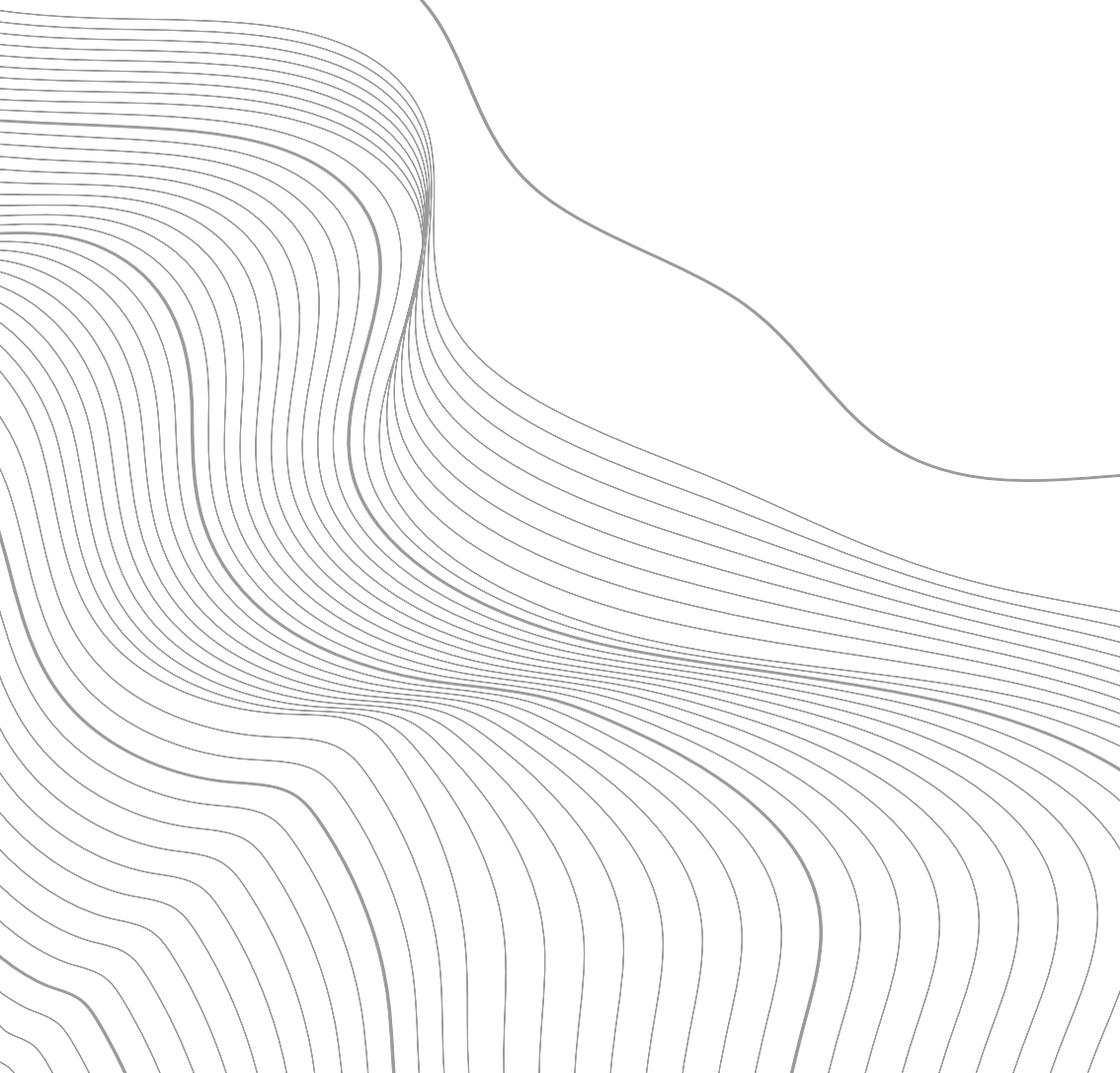
E nós, vamos o absurdo permitir?
Ou de outra forma, vamos reagir?
Grave é quando ficamos calados!

O futuro do planeta ainda é incerto,
não pode valer o que diz o esperto.
O ético e o certo devem ser resgatados.



*“...É ASSIM, CHEGAR E PARTIR,
SÃO SÓ DOIS LADOS DA MESMA VIAGEM.
O TREM QUE CHEGA É O MESMO TREM DA PARTIDA.
A HORA DO ENCONTRO É TAMBÉM DE DESPEDIDA...”*

ENCUENTROS



T Tempo de colheita

Há tempo de plantar.
Há tempo de colher.
Em todas as estações
quero ver o amor
resplandecer.

Há tempo de plantar.
Há tempo de colher
os frutos da terra,
e nova semente
ver nascer.

Há tempo de plantar.
Há tempo de colher.
Nas manhãs frias,
noites de lua cheia
e ao entardecer.

Há tempo de plantar.
Há tempo de colher.
Inventar caminhos
e fazer a vida
florescer.

Há tempo de plantar.
Há tempo de colher,
nas lutas do povo,
o sonho novo,
acontecer.

T Temperatura

Quando chegou o cio,
a vida mudou de sabor.
De um lado estava frio,
do outro, fazia calor.

Tempos de febre e calafrio,
e de barulho perturbador.
A alma sentia frio,
o corpo, muito calor.

O encontro à beira do rio,
ao meio-dia, era revelador.
Na água reinava o frio,
e o sol irradiava calor.

E o beijo, para quem não viu,
foi do casal cheio de amor.
No inverno batia o frio,
no verão, pocava o calor.

Juras de amor, horas a fio,
aliviavam a tristeza e a dor.
O medo cortava o frio,
o desejo fervia de calor.

P Para sempre

Às vezes a gente lamenta
porque as coisas boas
não duram para sempre.
Mas há aquelas
que permanecem,
mesmo quando acabam
ou parecem ter chegado ao fim.

Aquilo que mora no coração,
dura a vida toda,
continua na memória,
guardado no fundo da alma.
Há sentimentos efêmeros
que se tornam perenes,
ficam presos em nós,
atravessam os tempos.
Ficam gravados nas veias,
presentes no cotidiano,
até quando tudo indica
que há muito se foram...

Essas experiências de luz,
vivas com pessoas lindas,
nunca vão embora de vez.
Quando encerram uma etapa,
marcam-nos de outra forma
e se eternizam todos os dias
mesmo sem nos darmos conta,
e sem a gente perceber...

T Teu olhar

O teu olhar corta na alma
como navalha afiada,
faca amolada,
palavra áspera.

O teu olhar é como flecha
atirada ao alvo,
estamos à salvo
sob sua pálpebra.

O teu olhar fita o meu,
o tempo paralisa
e o coração avisa:
– Deu liga!

O teu olhar mira o céu,
além do universo,
do mundo diverso,
voa seu olhar...

I Intervalo

No intervalo entre
o dia e a noite
a poesia nasceu.

No intervalo entre
o trabalho e o ócio
a palavra aconteceu.

No intervalo entre
a dor e a alegria
a alma gemeu.

No intervalo entre
a guerra e a paz
a vida venceu.

No intervalo entre
o silêncio e a fala
a mente cresceu.

No intervalo entre
a boca e o beijo
o desejo acendeu.

No intervalo entre
a saudade e a porta
o tempo esqueceu.

No intervalo entre
a vida e a morte
a luz renasceu.

No intervalo entre
a partida e a chegada
o encontro se deu.

No intervalo entre
a semente e o fruto
o broto apareceu.

No intervalo entre
o sol e a lua
o dia escureceu.

No intervalo entre
a criança e o adulto
o corpo envelheceu.

No intervalo entre
o outono e o verão
o jardim floresceu.

No intervalo entre
o amor e a saudade,
somos você e eu.

No intervalo entre
dois amores,
Julieta e Romeu.

No intervalo entre
o que digo e faço,
sou eu.

E Estação saudade

Fincada num lugar
quase esquecido,
à sombra do vale
multicolorido,
a lembrança doía
no fundo da alma,
à procura de paz
e de calma.

A estação distante
do tempo presente,
chegava até nós
ligeiramente,
ao mesmo tempo
que no coração
a saudade riscava
o tempo bom...

Assim chegou a hora
de abraçar amigos,
reviver amores,
juntar eles perdidos,
celebrar encontros
com maturidade
nas curvas da poesia,
na estação da saudade.

V Vamos!

Não vamos ficar calados vendo a tirania fascista.

Não vamos ficar calados vendo a tirania.

Não vamos ficar calados vendo.

Não vamos ficar calados.

Não vamos ficar.

Não vamos.

Não!

Vamos lutar contra a tirania.

Vamos lutar contra.

Vamos lutar.

Vamos!

F Fim e começo

Há poesias que surgem logo,
e outras que demoram muito.
Há aquelas que não acabam nunca,
e os poemas que caem de maduro.

Há versos que nascem prontos,
saem da alma aveludados,
sem precisar de retoques,
escorrem pelos dedos
e se fazem poesia.

O ato de criação é engraçado,
inconsequente e insubordinado,
e não obedece ordens de cima,
nem acontece quando se quer.
Mas quando ele vem de dentro
compondo as leituras reais,
o coração fica cheio de lágrimas:
chora por tristezas passageiras
e vibra com os espasmos de alegria.

Há coisas que terminam antes de acabar
e outras que acabam antes de começar,
e há aquilo que vem e fica para sempre.
É assim que a vida segue o seu destino:
entre o nascer e o morrer,
na certeza de que no fim é onde tudo começa.

E Em marcha

No alto da montanha eu vi
o fogo que ardia por dentro,
e a pedra angular no centro.
As mentes brilhantes eu vi.

Na noite escura enxerguei
a lua que alumiava o céu,
o segredo oculto pelo réu.
Verdades secretas, escutei.

No outono vermelho eu vi
o encontro de sonhos vivos,
militantes engajados, ativos.
Amor feito de esperança eu vi.

No horizonte brilhou o futuro
como uma luz incandescente,
e a gente em marcha, contente,
derrubando as cercas e muros.

Na ciranda da rua explodiu
a força do povo em mutirão,
na luta pela sua libertação
e o império fascista ruiu.

V Vida e esperança

Nossos sonhos flutuam no espaço
e os passos se movem bem devagar.
Nas fronteiras limites estreitos,
dentro das casas, em todo lugar.

Nossas dores e sofrimentos,
lições que aprendemos pra ensinar.
Se a ameaça do vírus é grande,
também da ganância é preciso falar.

Toda ideia que nega a ciência
é coisa de gente que quer enganar.
A verdade demora, mas chega,
e toda maldade haverá de acabar.

Se os caminhos ficaram difíceis
o tempo ensina a esperar,
o momento sublime do encontro,
a hora esperada pra te abraçar.

Quantas vidas ceifadas, perdidas
e gente estúpida a governar.
Vem nos gestos do povo a resposta
e histórias bonitas pra celebrar.

As janelas repletas de estrelas,
nas ruas de novo eu vou te encontrar.
Toda dor que vivemos foi dura,
mas o coração teima em esperar.

P Prontidão

Se você faz,
refaço.
Se você chega,
abraço.

Se o tempo voa,
corro.
Se o tempo para,
morro.

Se a luz acende,
desperto.
Se a luz apaga,
deserto.

Se o sol brilha,
aquece.
Se o sol se põe,
esquece.

Se o amor se vai,
choro.
Se o amor sorri,
comemoro.

Se o povo se alegra,
celebração.
Se o povo sofre,
revolução.

Se você está feliz,
eu também.
Se Deus é por nós,
amém!



A

Ave misteriosa

Quero a leveza do seu canto,
a certeza do amanhecer.
O luar alumando a noite
e a vida inteira pra viver.

Sou como o pássaro de fogo
riscando o céu.
O brilho furta-cor do arco-íris
que desmancha em pleno ar
e faz o amor acontecer.

Dois seres humanos, duas pedras,
dois amantes de grupos rivais.
Mesmo com toda brutalidade
esse amor não acaba jamais.

Não há intolerância que suporte
um grande amor.
Todo sofrimento se transforma
na alegria em pleno ar
e faz o amor acontecer.

Nenhuma diferença mais importa,
se o amor dos dois aconteceu.
Se as tribos nunca se entendem,
o tempo faz de conta que esqueceu.

Rochas retornaram à forma humana,
e os namorados se encontraram.
A mágica desfez todo o feitiço,
na noite enluarada se abraçaram.

Sou como o pássaro de fogo
riscando o céu.
O brilho furta-cor do arco-íris
que desmancha em pleno ar
e faz o amor acontecer.

F Falta de um abraço

Estou sentindo falta de um abraço
que vá além das portas da minha casa,
e ultrapasse as fronteiras que nos separam.
O calor revigorante da família é sem igual,
mas como é bom a gente se encontrar nas ruas
e sentir que somos irmãos, seres planetários,
com sonhos e esperanças a compartilhar.

Tenho pensado muito nesses dias
em que a pandemia nos deixou no isolamento.
Precisamos urgentemente de mudanças no mundo!
O planeta não suporta mais tanta ignorância.
A natureza está cansada de sucessivas agressões.
As pessoas estão ameaçadas pela intolerância e pelo ódio
e sofrendo com a dor das mortes causadas pela pandemia.
De um lado, a fome e a desigualdade escancaradas,
do outro, a concentração de riqueza crescente.
O Estado se mostra ausente na vida dos mais pobres.
A democracia está ameaçada e a vida em risco.

Os seres humanos andam precisando de mais beleza e afeto.
A convivência humana carece de mais solidariedade.
A ternura nunca foi tão necessária como em nossos dias.
Neste momento difícil e crucial para a humanidade,
o Estado deverá ter o tamanho das necessidades do povo.
A casa comum necessitará de mais cuidados,
e urge a construção das bases de uma ecologia integral.

Não encontro respostas para muitas indagações,
mas sigo cheio de confiança e fé no que virá,
pois estamos semeando as bases do bem viver
contra toda violência e barbárie reinantes.

Ando sentindo falta de um abraço,
mas sei que vai chegar a hora do encontro fraternal.
Com as mãos unidas nas ruas e praças
vamos conquistar a democracia e a justiça
pelas mãos firmes do povo unido.

Assim os poderosos serão derrubados de seus tronos,
veremos, então, a elevação retumbante dos humildes
e a vitória triunfante dos trabalhadores.



C Cores

O amarelo da noite
escondia a palidez
do seu sorriso.
E o azul do dia
revelava o segredo
oculto do paraíso.

O vermelho do sol
esquentava a terra
vítima da exploração.
E o verde das matas
ameaçado a toda hora
pela vil dominação.

O branco das nuvens
ocultava as feridas
da humanidade.
E o preto em luto
conjugava o verbo
lutar de verdade.

As cores mudavam
o cenário cinzento
a todo instante.
E o brilho furta-cor
renovava a fé
do povo caminhante.

Q Quando tudo isso passar

Quando tudo isso passar,
vou sair pelas ruas,
aglomerar sem medo
e abraçar bem forte
companheiros de luta e de fé.

Quando tudo isso passar,
quero rever amigos
que tenho saudade
e sentir de perto o calor
das amizades verdadeiras.

Não vejo a hora
de sentar nas praças
sem medo da pandemia
e encontrar as pessoas
que tanto quero bem.

Quando tudo isso passar,
vou reunir os amigos,
pra jogar conversa fora
e compartilhar a vida
em versos de alegria.

Quando tudo isso passar,
vou me juntar às pessoas
em mutirões de afeto,
e juntos vamos brindar
nos versos livres da poesia.

A Adeus

Adeus, estou indo embora!
Vou para terras distantes
levando comigo o embornal
cheio de saudades.

Vou sem destino certo,
e não sei quando vou chegar
no lugar que desejo
nem quando vou voltar.

Adeus, a hora da partida
chegou e não tem volta.
Esta nova etapa da vida
será ungida pela mudança,

que não começou agora
e nem vai chegar ao final
quando terminar a viagem
que faço pra longe de mim,

para descobrir quem eu fui,
entender quem eu sou,
e desenhar o meu amanhã.
Mesmo sendo muito difícil,

vou partir de peito aberto,
com a alma transbordando
de esperança, meio incerta,
mas confiante no caminho;

vou seguir pela estrada,
com as cinzas recolhidas
nos restos das fogueiras
da vaidade e do apego.

Adeus, vou partir bem cedo,
caminhar quanto puder,
e voltar mudado, quando der,
nas asas velozes do tempo.

Este livro foi composto em Papel Polém Bold 90g
com fonte Electra LH corpo 11 e impresso pela
Editora GSA em janeiro de 2022.

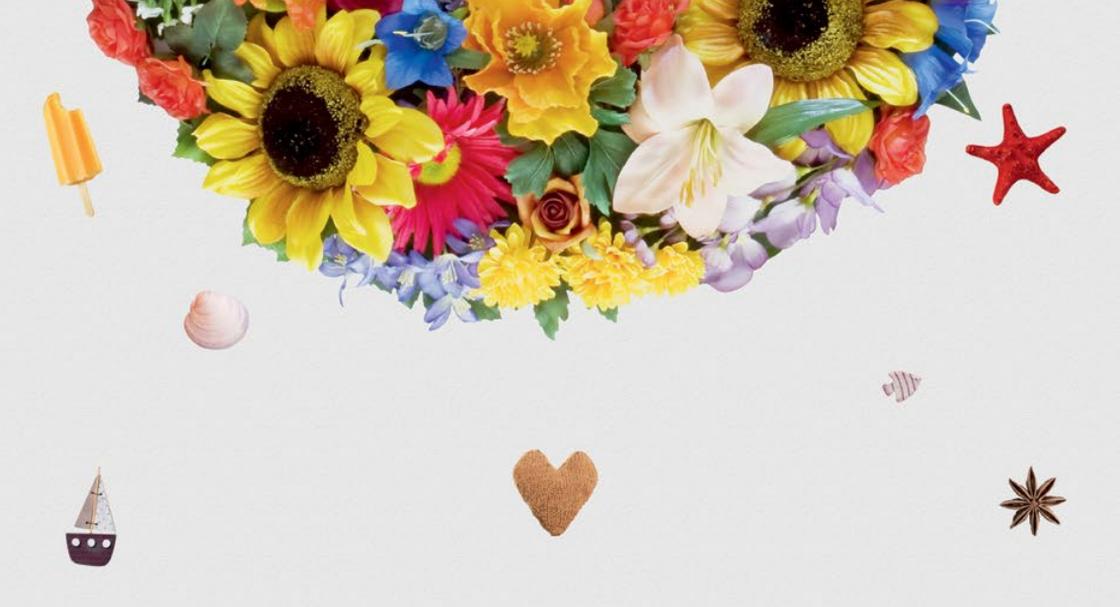
ESTE LIVRO FECHA UM CICLO.

Depois de Palavras, Janelas e Plural, chega o Estações para formar a primeira tetralogia de livros e celebrar um percurso de quatro décadas. Esta obra é mais uma aventura poética que passou a fazer parte dos meus dias.

Assim que publiquei o primeiro livro, decidi que não queria mais parar. Por isso, enquanto eu tiver vida, serei aprendiz de poeta, aventureiro a desbravar novos caminhos e teimoso em busca de novas viagens.

Por ora, vou me aventurando nas Palavras, espiando os segredos pelas Janelas, aprendendo com a vida Plural, em busca de novas Estações em tempos difíceis em que a esperança nos faz olhar para frente.

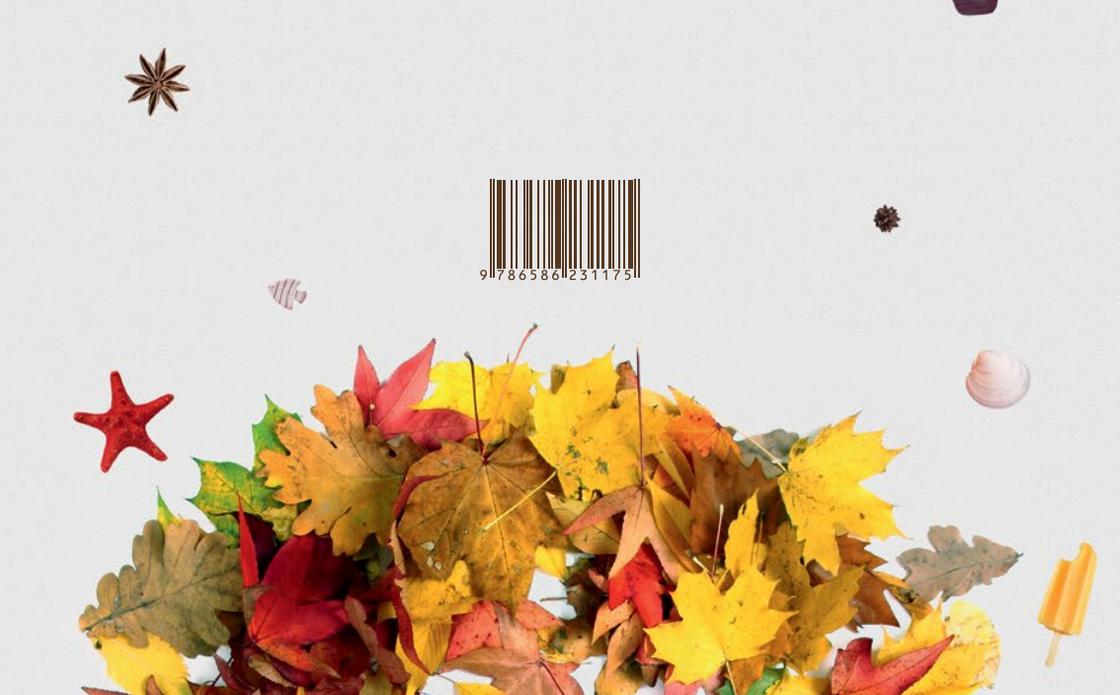
Sigamos na estrada da poesia!
A gente se encontra por aí...
E vamos nos abraçar!



ESTAÇÕES É A CELEBRAÇÃO DE
PARTIDAS E CHEGADAS, ENCONTROS E DESPEDIDAS.

NASCEU NUM TEMPO DE PANDEMIA,
DOR E ESPERANÇA.

MOMENTOS DE TRAVESSIAS DIFÍCEIS QUE NOS
ENSINARAM A APRENDER, DESAPRENDER E
A RECOMEÇAR DE UM NOVO LUGAR.



9 786586 231175